

Securitização dos modelos econômicos na guerra fria frente a perspectiva neorrealista

Securitization of economic models in the cold war in the neorealist perspective

Marianny Angelica Franco Silva*

Resumo

Após a Guerra Fria, a compreensão de Relações Internacionais sofreu grandes mudanças tanto na explicação do Sistema Internacional quanto no surgimento de novos conceitos. Novas abordagens surgiram e explicações para o que é segurança e como está se desenvolveu ao longo da Guerra Fria ocuparam a área. O evento não somente trouxe novos horizontes a estas investigações, mas também consequências na compreensão da economia mundial. O objetivo deste texto é entender de que forma isto se deu, durante e após a Guerra Fria.

Palavras Chave: Securitização. Neorealismo. Guerra Fria. Ameaça. Poder. Estados.

Abstract

After the Cold War, the understanding of international relations has undergone great changes both in the explanation of the International System as the emergence of new concepts. New approaches have emerged and explanations for what is security and how it has developed over the Cold War occupied the area. The event brought not only new horizons to these investigations, but also consequences for the understanding of the world economy. The purpose of this paper is to understand how this happened, during and after the Cold War.

Key Words: Securitization. Neorealism. Cold War. Threat. Power. States.

* Graduada em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) campus Poços de Caldas. Contato: mariannysilva892@gmail.com

Introdução

O presente artigo possui o objetivo de tratar do tema de Securitização dos modelos econômicos na Guerra Fria frente a teoria de Relações Internacionais Neorrealista. A importância de se tratar desse tema consiste em compreender como os aspectos econômicos foram interpretados como uma ameaça entre ambos os países, principalmente mostrando os discursos aqui apresentados. Promove-se também um debate entre a obra dos teóricos neorrealistas: Mearshaimer e Waltz, para compreender como a teoria de Relações Internacionais pode explicar tal evento. Em prol deste, desenvolve-se o artigo aplicando método qualitativo de pesquisa.

Para cumpri-lo, o artigo se divide em quatro partes, no primeiro tópico será condicionado a definir a perspectiva Alargada e Tradicional de segurança, logo mais, a definição de securitização onde mostrará a sua importância e seu funcionamento. Na segunda parte, será dedicado a teoria de relações internacionais neorrealista, de forma breve, mostrar os principais conceitos da teoria e principalmente abrangendo tópicos que serão relevantes como: balança de poder, anarquia no sistema internacional, o conceito de estrutura e o equilíbrio de poder para Waltz. Em síntese, será demonstrado os modelos econômicos socialista e capitalista para uma melhor abordagem e entendimento sobre o motivo que instaurou a Guerra Fria e a rivalidade entre os modelos justamente pelo fato de sua distinção de ideologias política econômica. A terceira parte trabalhará o que foi a Guerra Fria e o que motivou esse evento, mostrar as posições tanto dos Estados Unidos como da União Soviética comprometidas com planos econômicos e ideologias políticas completamente distintas e também os discursos que serão de grande relevância para validar a teoria de securitização dos modelos econômicos. E por fim, a quarta etapa, que será destinada para as considerações finais baseado no contexto e no tema do trabalho, onde será delineado os pontos de divergência com o neorrealismo defensivo e o ofensivo de Mearshaimer e como o neorrealismo defensivo explica o evento da guerra e como os a securitização é feita a partir dos modelos econômicos.

Conceito de segurança e securitização na perspectiva neorrealista

O propósito desta seção é mostrar a definição dos estudos de estratégia alargada de segurança devido à importância para de-

mostrar que a Guerra Fria foi um conflito diplomático. Antes da Guerra Fria os conflitos uma vez que decretados, tinham um foco na visão tradicional de estratégia, em seguir será aprimorado os conceitos e definição para cada estudo. Posteriormente será feito uma abordagem sobre securitização, que será importante para demonstrar como os modelos econômicos foram securitizados e motivaram a Guerra Fria.

O estudo de segurança começa a ser discutido com maior precisão pela academia a partir dos anos noventa, quando com a Guerra Fria, as Relações Internacionais passam por mudanças devido a uma necessidade maior de entender o Sistema Internacional (DAVID, 1998, p 20,). A partir desse evento, as questões de Segurança começam a ser repensadas, principalmente, em entender as estratégias, tornando muito importante o entendimento do que é segurança e como defini-la (DAVID, 1998 p 27,). Segundo Buzan, Weaver e Wilde (1998), a resposta para o que é segurança muda diante de seu objeto de análise:

A resposta para o que faz um problema de segurança pode ser encontrado no entendimento político militar tradicional de segurança. Nesse caso, segurança é sobre sobrevivência. É quando um problema é constituindo uma ameaça para um objeto referente designado (BUZAN; WEAVER; WILDE, p 21, 1998).

Concebe-se duas visões de estudo das estratégias de segurança: Tradicional e Alargada. A visão Tradicional significa a planificação e a condução das operações militares, e a Alargada, - concebe uma visão aberta para debates diplomáticos. Esse estudo reporta-se então, o estudo dos meios militares utilizados para realizar certos objetivos políticos como por exemplo, a dominação territorial e a manutenção de alianças (DAVID,1998, p. 23). Todos esses objetivos trabalham a favor dos interesses dos Estados que buscam sempre aumentar seu papel de influência no Sistema Internacional.

A visão Tradicional de segurança foi abrindo espaço para a nova perspectiva em meados dos anos 1988, por ser considerada um tanto quanto ultrapassada, e que com maior interdependência entre os Estados, o uso de força como estratégia se torna cada vez mais inviável em meio a maior cooperação entre os atores. David (1998) define a concepção Alargada de estratégia como: “a escolha dos objetivos de segurança e a tática como a escolha dos meios apropriados para cumprir esses objetivos” (DAVID,1998, p. 25). Tais objetivos podem ser alcançados por meio diplomático, trata-

mentos coercitivos e preventivos, que usa a força somente quando o objetivo está determinado de forma muito específica para os atores. Dentro dessa determinada ótica pode-se definir que os estudos estratégicos são sobre questões de segurança e de ameaças, que podem implicar o uso da força para garantir as suas metas. Assim, redefinido os estudos estratégicos, o autor guarda certos conceitos como defesa, corrida de armamentos, doutrinas militares, desarmamentos entre outros (DAVID, 1998 p 26).

Para que se pense em estudos de segurança, deve-se voltar o olhar ao fim da Guerra Fria, onde seus estudos epistemológicos e empíricos deixam intervir novas visões afim de reformar o Sistema Internacional. Os securitários atualmente demonstram grande valor nos estudos político-militar, refinando termos e conceitos (DAVID, 1998, p. 27). A securitização para Buzan, Weaver e Wilde (1998) é o sentido mais extremo de politização. Ela muda de acordo com a região onde é estabelecido esse princípio. O discurso que se toma se refere ao que acontece atualmente em uma ameaça real, no qual, o objeto sozinho não se securitiza. Para que um tema subjetivo seja considerado como assunto de segurança na agenda internacional, é preciso que passe por um processo de securitização. Esse processo é constituído pela subjetividade estabelecida e de uma ameaça existencial suficiente para ter um efeito político. A maneira de estudar esse tema é atentar-se aos discursos políticos (BUZAN; WEAVER; WILDE, 1998, p. 25.).

Um ator securitizador é alguém ou algum grupo que faz uma performance de um discurso. Atores na função de líderes burocráticos, governos e diferentes grupos não são usualmente a referência de segurança, mas seus argumentos serão necessariamente os de defesa da segurança por meio de uma referência que precisa ser defendida para sua própria sobrevivência (BUZAN; WEAVER; WILDE, 1998 p 40). Segundo a lógica da securitização ela precisa acontecer de forma muito precisa e clara à ameaça. Dessa forma a securitização acontece primeiramente da chamada *securitization move* que sofre valores avaliativos da relevância acerca de ser ou não legítima. A securitização somente é efetivada quando o público considera válida aquela demanda do agente securitizador e então a ameaça é estabelecida com saliência suficiente para que justifique a quebra de regras normais da política com vistas a contrabalancear essa ameaça. Quando finalmente um tema se torna securitizado, o mesmo sai da esfera política normal e passa para a esfera política

emergencial, caracterizada pela desconsideração dos mecanismos institucionais. Para o processo de securitização o discurso de segurança depende de três tipos de unidades envolvidas na análise: Objeto de referência – existencialmente ameaçado e que tem uma reivindicação legítima para a sobrevivência; Atores securitizadores – os quais são responsáveis por securitizar a ameaça por meio de uma declaração de um objeto de referência; Atores funcionais - que afetam as dinâmicas de um setor, sem que esse objeto de referência influencie, significativamente, as decisões em matéria de segurança. (BUZAN; WEAVER; WILDE, 1998 p. 36).

A grande importância do processo de securitização é sua capacidade de impactar uma ordem de uma acomodação mútua entre unidades. Para seu sucesso, deve-se seguir três componentes: a existência de ameaça, a ação de emergência e os efeitos na relação da interunidade, quebrando livremente as regras. Tipicamente, um agente irá sobrepor à algumas normas que irão ser capazes de substituírem regras. A sobrevivência é vista como principal motivo de securitização, em prol desse motivo, atores acabam sendo encorajados a seguirem seus princípios (BUZAN; WEAVER; WILDE, 1998 p. 26).

Demonstra-se que o papel dos agentes securitizadores e o ato de discurso segue uma linha objetiva que é defender as partes imersas no contexto de risco, das ameaças que são potencialmente capazes de cominar a sobrevivência de um determinado agente ou Estado. Em relação a esse princípio de sobrevivência, Waltz (2002) trabalha a ideia de que os Estados agem de acordo com a qual a estrutura os obriga, o que está intimamente ligado a ideia de anarquia no Sistema Internacional.

Concepção de sobrevivência trabalhada na perspectiva neorrealista

O principal objetivo de trabalhar a teoria neorrealista defensiva de Waltz é compreender a partir de seus aspectos, como os Estados se comportam frente uma ameaça vigente no Sistema Internacional, analisando que tais motivos são pensados pelos Estados de forma lógica. Será trabalhado os princípios a fim de explicar como se reportava a perspectiva das potências motivadoras da guerra.

Em relação ao princípio de sobrevivência, o neorrealista Waltz (2002) trabalha a ideia de que os Estados promovem ações no Sistema Internacional, de forma a ser constrangidos pela estrutura.

O autor promove o conceito de anarquia e a atribui a estrutura do Sistema Internacional. Isso determina nos Estados uma atuação partindo do princípio de autoajuda além de considerarem os ganhos relativos de outro Estado para manter seus interesses de sobrevivência. Os Estados não terão, portanto, uma ordem pré-estabelecida determinando qual Estado deterá mais influência e poder no Sistema (WALTZ, 2002, p.27).

Essas características são consideradas de caráter positivistas, que tentam explicar a teoria das Relações Internacionais, por justamente não considerar as estruturas normativas como variáveis, mas apenas o poder relativo e capacidade dos Estados. O foco de sua teoria é a estrutura dos Sistema Internacional que influencia nas ações dos Estados (JACKSON; SORENSEN, 2007, p. 117).

A chave para o entendimento da teoria é compreender a distribuição de capacidades e equilíbrio de poder em um Sistema Internacional anárquico. O funcionamento do comportamento de poderes que domina o Sistema - promete uma alimentação desequilibrada de poder para quem o exerce, sendo considerado uma ameaça à sobrevivência para outros Estados que não desempenhem as mesmas capacidades. Os Estados que detém mais poder de influência no Sistema, causam na política internacional um poder esmagador e leva os outros Estados a se equilibrarem contra ele, buscando a segurança a fim de controlar a sua sobrevivência no Sistema Internacional (WALTZ, 2002, p. 28). O principal problema do conflito entre grandes potências é a guerra (JACKSON; SORENSEN, 2007, p. 120).

O equilíbrio de poder para Waltz (2002) acontece quando, no Sistema Internacional é demonstrado um aspecto de bipolaridade. O poder de um Estado deve ser limitado a ponto de os demais não o virem como uma ameaça à segurança, pois isso pode desencadear uma revolta daqueles que detém menos poder, o que poderá causar uma maior instabilidade no Sistema Internacional (WALTZ, 2002, p.27). O autor evidencia a sua teoria utilizando o cenário europeu que passa pelo sistema de multipolaridade para a bipolaridade. Enquanto os Estados europeus eram grandes potências mundiais, tendiam em direção ao modelo do jogo de *soma-zero*, onde a perda de um Estado resulta no ganho de outro. A emergência das superpotências russa e americana criou uma situação onde permitiu uma cooperação mais eficaz e mais alargada entre os Estados da Europa ocidental. Essa situação de bipolaridade fornecida pelo cenário da Guerra Fria é identificada pelo autor como um aumento do interes-

se comum, que implica a ideia de que os Estados deveriam trabalhar juntos para melhorar a sorte de todos ao invés de estarem obsessivamente preocupados com a divisão dos benefícios. Waltz(2002) explica que nem todos os obstáculos para uma cooperação foram removidos. Porém, a partir de uma bipolaridade, há um medo de que a maior vantagem de um Estado poderia vir a se tornar uma força militar que ameaçasse outros Estados. Aqueles então que viviam às sombras das grandes potências, rapidamente perceberam que a guerra entre eles seria impossível (WALTZ, 2002, p. 102).

A teoria estrutural evidencia que os Estados agem de forma a buscar mais segurança no Sistema Internacional, o que é criado através do plano da estrutura. A estrutura é definida pela disposição de suas partes, sendo ela um sistema composto pelas partes que a formam. O conceito de estrutura pode ser brevemente considerado dentro da disposição das unidades justapostas e combinadas de forma diferente, além das composições institucionais que emergem das relações entre os agentes. Ele produz diferentes resultados, definindo a disposição e o ordenamento das partes de um sistema (WALTZ, 2002, p. 115-117).

O princípio ordenador do sistema, como diz o próprio Waltz (2002), oferece primeiramente uma explicação para como as partes estão relacionadas entre si. O posicionamento das unidades em relação a outras não é completamente definido pelo princípio sistêmico ordenador e nem pela definição formal de suas partes. A posição das partes muda de acordo com a dinâmica de suas capacidades relativas. No desempenho das suas funções, as agências podem ganhar ou perder suas capacidades (WALTZ, 2002, p. 115-117).

Portanto, ao passar esse tópico trabalhando os princípios de estrutura anárquica, autoajuda, mínima cooperação entre os Estados, princípio ordenador e a bipolaridade ser mais bem sucedida no Sistema Internacional, podemos por fim, transpor essa perspectiva para a Guerra Fria onde, os modelos econômicos seriam capazes de demonstrar o poder de influência sob os Estados que passavam por sérias dificuldades no pós-Segunda Guerra Mundial. Os Estados têm como princípio se defender ao avistar uma ameaça e garantir a sua segurança, a fim de não permitir que outro Estado domine ou influencie em seu lugar, o que justifica a disputa entre EUA e URSS. A bipolaridade frente a Guerra Fria é muito valorizada por mostrar que o Sistema Internacional se manteve de maneira ordenada, os Estados que detinham menos

poder de influência que os países satélites da guerra, se mantinham isolados no sentido de, não disputar o espaço hegemônico naquele momento pois eles tinham uma grande possibilidade de acabar por saírem maleficiados. A luta entre o *status* de papel hegemônico já estava sendo disputado, e o poder militar entre as duas potências era relativamente superior aos demais.

Modelos econômicos

para que se trabalhe de forma adequada o tema do artigo, será necessário uma breve abordagem sobre os modelos econômicos capitalista e socialista, que será de grande valia ao estudo da motivação da Guerra Fria e também mostrar como ambos os modelos seguiam uma corrente ideológica muito distinta.

O modelo econômico capitalista surge com o liberalismo onde teóricos como Adam Smith criticam o envolvimento de políticas estatais nas decisões econômicas. O mercantilismo é o berço da grande crítica do autor, modelo econômico do Estado, ao passo que o liberalismo teria como princípio a abstração da mão invisível do Estado, com o mercado sendo capaz de se autorregular, o que era fortemente recomendado. Ballaam (2011) cita que o liberalismo foca no lado humano competitivo sendo guiado pela razão e não emoção. Alguns liberais acreditam que pessoas são fundamentalmente interessadas em si mesmas, eles não veem como desvantagem na competição, pois ela instiga uma melhora de produtos para a sociedade. Smith também acredita que o melhor interesse para toda uma sociedade é servida pela escolha racional dos indivíduos. As principais características deste tipo de capitalismo são: mercado coordenador da atividade econômica da sociedade; competição regulando a atividade econômica; liberdade empreendedora; e propriedade privada. Para os Capitalistas, a intervenção do Estado no mercado geralmente distorce os recursos de alocação e frustra a função coordenada (SMITH, apud BALLAAM. 2011 p. 32-33).

Já o modelo socialista, incorporava uma política que não restringia o papel do Estado, as empresas as quais pertenciam ao modelo, eram estatais (FRIEDEN, 2006, p. 993) Quando na Guerra Fria, o modelo obteve uma rápida imposição sobre a Europa central e leste. O modelo socialista era caracterizado por uma planificação econômica tradicional que tinha características básicas como controle rígido dos mercados; barreiras altas ou proibitivas, ao

comercio; e investimentos internacionais. O volume da produção privada, o grau de centralização e os limites para a flutuação dos preços variavam (FRIEDEN, 2006, p. 994). O modelo socialista favorece maiores benefícios aos consumidores, diminuindo o favorecimento da indústria pesada. Outra característica do socialismo pode ser interpretada através da visão de Marx. Sua análise é completamente diferente da capitalista. Para um marxista, a ditadura do proletariado é, ao mesmo tempo, a ditadura da classe trabalhadora, do povo sobre os interesses da burguesia e é a forma política mais democrática, pois corresponde aos interesses da maioria da população. Através dessa referência, traça-se que o socialismo elimina uma estrutura hierárquica (dada pelos capitalista, onde privilegiava-se a meritocracia), e transmite uma estrutura onde reflete-se mais igualdade entre a população, eliminando a ideia de burguesia e proletariado (SANTOS, 2005).

Visto que os modelos econômicos tem características totalmente distintas, eles são incapazes de operar em um Estado ao mesmo tempo, ou seja, a permanência de um modelo resulta na inexistência de outro. A Guerra Fria teve como motivação a disputa dentre os dois modelos econômicos que influenciariam o resto do mundo.

Guerra fria como motivadora da securitização dos modelos econômicos

O início da Guerra Fria foi motivado por duas grandes potências, Estados Unidos e a União Soviética, devido a suas ideologias distintas. O grande objetivo era ser a potência hegemônica, a qual influenciaria o mundo com a economia, ideologias políticas e sociais. O Estados Unidos vence a guerra, e determina então, um Estado que promove ainda mais influência no Sistema Internacional. A guerra marcada por ser um conflito ausente de uso da força militar, apenas permanecendo as estratégias diplomáticas como principal força (GADDIS, 2007, p. 18-29).

Segundo o autor Gaddis (2007) em 1945, no desenrolar da Segunda Guerra Mundial era possível ver a semelhança entre os dois países em termos militares, pois ambos compartilhavam de uma mesma pretensão, isto é, tinham o objetivo de chegar à liderança. Como Estados continentais, eles tinham alcançado vastas fronteiras, ocupando o lugar de primeiro e terceiro maior Estados

do mundo, e ambos também tinham entrado em guerras por consequência de um ataque surpresa: a invasão alemã da União Soviética em 1941 e o ataque Japonês a Pearl Harbor em dezembro de 1941. Suas semelhanças são capazes de se estenderem até esse determinado período, pois suas diferenças ainda são mais relevantes. A União Soviética, dotada do plano econômico socialista, era capaz de assegurar o pleno emprego, enquanto as democracias capitalistas não o eram, nos anos anteriores a guerra. Não obstante, a União Soviética exercia uma maior vantagem sobre os Estados Unidos, pois era a única que entre os vencedores da guerra, saíra com uma liderança reforçada (GADDIS, 2007, p. 20-21). A competição entre as duas potências inicia nesses ideais de comparação, visto que ambas começam a fortalecer seus modelos econômicos.

O objetivo da União Soviética no pós-guerra era a segurança para si e de seu regime ideológico. O bloco queria garantir que nenhuma ameaça externa pudesse colocar o seu país em risco novamente. Logo, os americanos também almejavam a segurança, mas ao contrário da União Soviética, eles estavam menos certos do que deveriam fazer para garanti-la. Os Estados Unidos não poderiam continuar a servir de modelo para o resto do mundo se permanecessem isolados. A explicação para esse isolamento, elaborada por Gaddis (2007), é devido a localidade dos Estados Unidos, visto que, eram separados pelos oceanos que cortam a América da Europa, e portanto, não tinham uma preocupação tão grande de proteção, já que eram pouco ameaçados (GADDIS, 2007, p.26).

Na Europa em 1947, depois do fim da Segunda Guerra Mundial, o quadro geral de pobreza no continente como um todo era bastante grave. Na Itália, por exemplo, o comunismo prometia uma solução econômica para tanta desigualdade provocada pelo fim da guerra e por um regime econômico que foi falho e incapaz de manter o Estado em condições melhores. Foi um grande avanço para a filiação do movimento socialista. Os norte-americanos vendo todo esse cenário, começaram a ficar preocupados com a dimensão do problema e perceber que a Europa Ocidental e Itália poderiam ser capazes de mudar para o regime econômico oposto. O discurso do presidente dos Estados Unidos foi sucinto em demonstrar que não estava satisfeito com o cenário e muito menos despreocupado com a possível mudança. O argumento principal no discurso foi:

As sementes dos regimes totalitários são nutridos por miséria. Elas espalham e crescem no lado do mal da pobreza. Elas atingem

o seu crescimento pleno quando a esperança das pessoas por uma vida melhor, morreu. Nós devemos manter nossa esperança viva (MITCHELL; ISAACS, 2013¹).

Em fevereiro de 1946, uma crise econômica forçou o governo britânico a informar Washington que ele pararia de cooperar com a Grécia e Turquia. Foi aí então, que a administração americana viu uma oportunidade em tomar a ofensiva, declarando ao Congresso para dar prioridade de assistência aos países ausentes de cooperação britânica na quantia de quatrocentos milhões de dólares por um período de até 30 de Junho de 1948. Aí então, inicia a Doutrina Truman, que tem como objetivo cooperar com os Estados que se encontravam em crise no pós-guerra, assim exercendo uma maior influência capitalista², incomodando os soviéticos.

“É lógico, que os Estados Unidos fará o que ele é capaz de fazer para ajudar no retorno de saúde econômica normal do mundo, sem a qual não pode haver estabilidade política e nenhuma paz assegurada” (CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY OFFICE THE HISTORIAN, 2011).

O que declarava o regime socialista em oposição era que seria possível criar uma sociedade sem classes, o que fazia com que muitas pessoas passassem a acreditar que o esse modelo econômico pudesse mudar o mundo. Truman então, nomeia Secretário de Estado, o General Marshall, responsável pelo planejamento da resposta dos Estados Unidos. Às pressas para a preparação do plano, o General Marshall anuncia uma proposta de ajudar a Europa em uma vasta escala: (GADDIS, 2007 p 41).

O discurso teve como objetivo intimidar e ameaçar, obrigando os Soviéticos a planejar investimentos para compensar os estragos dos quatro anos de guerra em solo russo. Os documentos do plano Marshall foram discutidos durante seis dias em Paris, e os documentos de proposta foram mandados inclusive, para os soviéticos. Este gesto foi interpretado pelos soviéticos como uma forma dos Estados Unidos de não se afugentar daqueles que estavam já lidando com a crise. Era uma forma dos americanos argumentarem que eles estavam tentando ser altruístas, mesmo que o mundo soubesse que a União Soviética não aceitaria tal projeto. Essa disputa sobre os planos econômicos continuavam cada vez mais acirrada, com in-

1. Documentário: Cold War: Plano Marshall. Pat Mithchell; Jeremy Isaacs. 1998. Discurso de Harry Truman 1947.

2. Documentário: Cold War: Plano Marshall: Pat Mithchell; Jeremy Isaacs. 1998.

fluência sobre os países que sofriam com a crise (MITCHELL; ISAA-CS, 2013²). General Marshall, discursa na Universidade de Harvard no dia 5 de Junho de 1947, onde ele promove e anuncia o seu plano de ajuda para os países europeus.

[...] A situação mundial é muito grave. Que deve ser evidente para todas as pessoas inteligentes. Eu acho que uma dificuldade é que o problema é uma de tal enorme complexidade que a própria massa de factos apresentados ao público pela imprensa e rádio tornam extremamente difícil para o homem na rua para chegar a um percepção clara da situação. Além disso, as pessoas deste país são distantes das áreas mais problemáticas da terra e é difícil para eles compreender a situação e consequentes reações dos povos tão sofridos, e o efeito das reações em seus governos em conexão com nossos esforços para promover a paz no mundo [...] Além do efeito desmoralizador sobre o mundo em geral e as possibilidades de distúrbios que surgem como resultado do desespero das pessoas em causa, a consequências para a economia dos Estados Unidos deve ser evidente para todos. Isto é lógico que os Estados Unidos devem fazer tudo o que ele é capaz de fazer para ajudar no retorno da saúde econômica normal do mundo, sem a qual não pode haver política estabilidade e nenhuma paz assegurada. Nossa política não é dirigida contra qualquer país ou doutrina, mas contra a fome, a pobreza, o desespero e o caos [...] (Discurso do General Marshall, OECD 2006).

O que deixa claro com os eventos demonstrados é que para o funcionamento das estratégias dos Estados, como os planos econômicos e as ações dos Estados Unidos e União Soviética, é que foram essencialmente diplomáticos em defender seus interesses e ousados em seus discursos por precisar defender sua posição e influenciar outras partes a apoiarem suas estratégias. Percebe-se que ao Estados Unidos enviar os documentos para a União Soviética, validando a proposta de colaborar com o Plano Marshall, seu objetivo era deixar claro para o mundo que não tinha intenção de agir de forma a excluir a União Soviética do plano e não deixar brecha para que os soviéticos usassem tal exclusão para se favorecerem. Os discursos tem grande peso para mostrar como foi que a Guerra Fria teve o seu início. A disputa entre os Estados era motivada pela influência econômica e principalmente a retórica de cada país, como visto no discurso de Marshall em Harvard, mostrava que o plano econômico promovido pelos americanos era a melhor alternativa e desfavorecia de forma indireta, o modelo econômico socialista, e destaca que os Estados Unidos estava ciente dos problemas na Europa e propõe ajudar a solucionar esse problema argumentando

que esse problema é de segurança para os civis. No fim da citação, Marshall argumenta que não tem intenções de rivalidade com nenhum país ou doutrina diferente, mas que sua preocupação é com a fome e problemas sociais da Europa.

A Guerra Fria é um exemplo da prática da concepção alargada dos estudos de segurança dado que entre as potências hegemônicas não se registrou conflitos de natureza extra-diplomática. Isto, o que acentua ainda mais a importância dos discursos da guerra para compreender como se deu seu processo. A estratégia alargada de segurança é vista como fins diplomáticos de resolução de conflitos. Ambas as potências tinham condições militares para fazer a guerra, mas o que reforçava a estratégia diplomática era o temor entre as partes por serem muito poderosas em termos militares. O que proporcionou o uso contínuo de ações diplomáticas.

O processo de securitização funciona a partir de uma ameaça. Este tem como princípio promover uma solução de uma possível ameaça em prol de defender a segurança dos atores envolvidos. No caso da Guerra Fria, os Estados Unidos se via ameaçado pela União Soviética e vice versa. Ambos os países tinham o objetivo de exercer a liderança no Sistema Internacional e possuíam um potencial militar muito forte. Visto isso, ambas começam a se fortalecerem basicamente de duas formas - em termos militares para fins de defesa para um possível ataque, e econômico para que fosse possível estabelecer alianças com os países que compartilhassem da mesma ideologia econômica e política. O fator que facilitava possíveis alianças era o pós segunda guerra mundial que mostrava o cenário europeu arrasado. Ambas viram oportunidade para serem mais influentes, servindo de apoio aos países que mais sofreram com a guerra. O modelo socialista representava para boa parte dos europeus, que teria condições de melhorar a situação dos países, promovendo uma planificação econômica, o que por boa parte dos europeus era desejado.

Os Estados Unidos, interpreta como uma ameaça à sua influência do modelo capitalista e decide agir, de forma a criar o Plano Marshall, que propunha ajudar os países que sofreram a guerra. Em resposta, os soviéticos impedem que os países satélites aceitem essa ajuda, pois assim, perdê-los-ia como alianças. Os discursos tinham como foco denegrir a imagem do modelo socialista e colocando o capitalismo capaz de mudar a situação europeia. O que se dá o início da Guerra Fria é justamente, um Estado compreender

o outro como uma ameaça a sua segurança e faz-se o uso dos discursos também para tentar manipular a situação na Europa. O que mais interfere na motivação dos Estados em promoverem guerras, ou serem interpretados como ameaça em determinado aspecto, é justamente a necessidade que se têm de se manter seguro, sem ameaça a sua sobrevivência. Para que possa comparar os estudos de securitização e o evento da Guerra Fria pode-se atribuir as devidas características para os três tipos de unidades envolvidas na análise: O objeto de referência torna-se os modelos econômicos, pois são existencialmente ameaçados; Os atores securitizadores – os presidentes das duas potências e como visto nos discursos, o general Marshall. Estes são responsáveis pelos discursos de securitização; Os atores funcionais que pode ser atribuído o papel dos Estados que sofriam com o pós segunda guerra, e aqueles os quais os Estados Unidos e União Soviética pretendiam fortalecer alianças.

A sobrevivência é essencial para os Estados e os discursos remontam essa afirmação. O neorrealismo explica que a postura dos Estados em atuarem frente ao instinto de sobrevivência buscando em primazia a sua segurança, é por influência da anarquia no sistema internacional. Os Estados Unidos e URSS debatem justamente, defendendo o princípio de sobrevivência ao passo que um representa uma ameaça ao outro. É de princípio dos Estados, viverem de forma a auto-ajuda o que demonstra pouco espaço para a cooperação. Na Guerra Fria o nível de cooperação entre as duas potências era zero. A união Soviética jamais garantiria a segurança dos Estados Unidos e vice-versa, o que reforça os Estados agirem de forma racional e de interesse. Os Estados somente demonstram interessados em promover guerra para se defenderem e prezar pela sua segurança, já que a estrutura impõe aos Estados essa busca egoísta e incansável pela sobrevivência. Waltz argumenta que no sistema onde há bipolaridade se torna mais estável, ou seja, menos propenso a guerra pois, os Estados tendem a temer àqueles que promovem mais influência, justamente porque os Estados têm objetivo constante, mesmo que se tratando de Estados hegemônicos ou aqueles que exercem mínima influência no Sistema Internacional. A bipolaridade é capaz de promover uma disputa somente entre as partes que estão mais envolvidas ao certame de hegemonia, o que garante uma possibilidade maior de ordem no Sistema Internacional. Na Guerra Fria, o foco foi a luta pela sobrevivência entre os modelos econômicos, a influência das partes no sistema e as duas poten-

cias. Os outros Estados se mantinham apenas obedecendo a ordem no Sistema Internacional com a mínima influência possível entre a passagem da guerra.

Considerações finais

A preferência da teoria do Realismo Defensivo de Waltz em detrimento do Realismo Ofensivo de Mearsheimer é por ser mais adequada a esse texto. A maneira pela qual os Estados Unidos agiram no Sistema Internacional é conceituar que o modelo econômico comunista era uma ameaça ao regime liberal, portanto entrariam em conflito para que fosse defendido o espaço de posição liberal no mundo.

O Realismo Ofensivo de Mearsheimer é definido como um Estado que pretende atuar no Sistema Internacional afim de lutar pelo seu espaço hegemônico, categorizando os demais Estados como providos do mesmo objetivo de atuação dentro do sistema. Por conta disso é possível concluir que os Estados atuam de forma a pensar nos ganhos relativos e não se adequam ao limite de poder mesmo que impossível de se alcançar em uma hegemonia global.

Através da perspectiva Neorrealista de Waltz, é possível enxergar como mais relevante a defesa de seu *status* no sistema, o que promove maior justificativa para compreender o aspecto de securitização dos modelos, uma vez que, a securitização, é a justificativa de que os atores os quais correspondem a determinado fator no mundo interpretam suas causalidades como uma ameaça fundamental para sua existência. O que não, necessariamente corresponde a posição ofensiva de Mearsheimer.

O objetivo do Plano Marshall foi basicamente promover a estabilização do modelo econômico liberal com o enfoque na Europa, afim de diminuir o escopo de influência soviética, pois os Estados Unidos interpretava a ascensão do modelo econômico soviético como uma ameaça. A securitização era necessária para analisar determinado propósito por debruçar sobre o conceito mais extremo de politização entre os Estados e é capaz de promover uma análise sobre temas subjetivos estabelecidos de uma ameaça existencial suficiente para ter um efeito político.

No final das contas o objetivo foi alcançado. Houve a desestabilização da economia soviética, não somente atribuído pelo Plano Marshall, ainda que tenha contribuído preliminarmente para sua

queda. Os Estados Unidos conseguiu promover seu alcance em longa medida na Europa, e a partir do fim da Guerra Fria, o país ascende como potência solitária no Sistema Internacional sobretudo a ideologia liberal capitalista no mundo. A principal manifestação disto foi o Consenso de Washington e neoliberalismo nos anos 90.

Referências

BALDWIN, David. **Neorealism and neoliberalism**. Nova York: Columbia University Press, 1936.

BALLAAM, David N. **Introduction to international political economy**. 5. ed. Boston: Bradford Dillman University of Puget Sound, 2011.

BUZAN, Barry; WEAVER, Ole; WILDE, Jaap de. **Security: a framework for analysis**. London: Lynne Rienner Publishers, 1998.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY OFFICE THE HISTORIAN. [S. l.]: CIA, 2016. Disponível em: <<https://www.cia.gov/news-information/featured-story-archive/2011-featured-story-archive/the-cia-and-the-marshall-plan.html>> Acessado em: 7 maio 2016.

DAVID, Charles Phillippe. **A guerra e a paz: abordagens contemporâneas da segurança e da estratégia**. São Paulo: Instituto Piaget. 1998.

FRIEDEN, Jeffry. **Global capitalism: its fall and rise in the twentieth century**, Norton 2006. P 993, 994.

GADDIS, John Lewis. **A guerra fria**. Lisboa: Edições 70 LDA, 2007.

JACKSON, Robert H.; SORENSEN, Georg. **Introdução às relações internacionais**. Inglaterra: Ed. Oxford, 2007.

KEOHANE, Robert. **After Hegemony: cooperation and discord in the world political economy**. New York: Princeton University Press, 1984.

KEOHANE, Robert; NYE Joseph S. **Transnational relations and world politics**. Cambridge: Harvard University Press, 1972.

MEARSHEIMER, John. **A tragédia da política das grandes nações**. Nova York: W. W. Norton & Company, 2001.

MITCHELL, Pat; ISAACS, Jeremy, **Cold War 1947-1952**. YouTube, 6 de julho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YQyZk-uAayo>>. Acesso: 21 abr. 2016.

MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations**. 7. ed. Rio de Janeiro: MC Graw Hill Higher Education, 2005.

NYE, Joseph; KEOHANE Robert. O. **Power and interdependence**. [S. l.]: The MIT Press, 2001. v. 41.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. [S. l.]: OECD, 2015. Disponível em: <<http://www.oecd.org/general/themarshall-planspeechatvarduniversity5june1947.htm>>. Acesso em: 7 maio 2016.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. [S. l.]: OECD, 2016. Disponível em: <<http://www.oecd.org/newsroom/secretary-generalspeeches/>>.

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. Modelos de engajamento. **Estudos Avançados**, v.19, n.54, 2005. Acesso em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0103-40141998000300002>.

WALT, Stephen. **Taming American Power**. Nova York: W. W. Norton & Company, 2005.

WALTZ, Kenneth N. **Teoria de relações internacionais**. São Paulo: Ed Grádiva, 2002.

Recebido em: 04/08/2016

Aceito em: 24/10/2016